

Da psicanálise freudiana à psicanálise existencial de Jean-Paul Sartre

From the freudian psychoanalysis to existential psychoanalysis of Jean-Paul Sartre

Virgínia FERREIRA

Universidade Católica de Petrópolis

Resumo

O artigo tem o propósito de apresentar às diferenças entre a Psicanálise Freudiana e a Psicanálise Existencial, sobretudo aquelas que decorrem dos conceitos fundamentais de Inconsciente proposto por Freud e de Liberdade proposto por Sartre. Por serem conceitos contrários, talvez, o sujeito freudiano não caiba no sujeito sartriano e vice-versa. Segundo Sartre, liberdade, escolha e consciência são uma e mesma coisa. Já, para Freud, o inconsciente reina quase soberano, descentralizando o sujeito da consciência ao impor-lhe escolhas inconscientes. Assim, ou o sujeito é livre para fazer suas escolhas ou ele está fadado a fazê-las, via de regra, regido por motivos que ele desconhece: motivos inconscientes. Se os móveis e os motivos do ato de um sujeito são conscientes, ou se são inconscientes, em ambas as esferas, o sujeito é intencional, pois, segundo Freud, não há nada que esteja no inconsciente que não seja resultado de um esforço voluntário.

Palavras-chave: inconsciente, intencionalidade, liberdade.

Abstract

The paper has the scope to represent the differences between the freudian psychoanalysis and the existential psychoanalysis, especially those that derived from the fundamental concepts of unconscious by Freud and of freedom proposed by Sartre. As the concepts are contrary, maybe the freudian subject does not enter in the sartrian subject and vice-versa. According to Sartre, freedom, chosen and conscience are the same thing. According to Freud, the unconscious reigns sovereign, separating the subject from the conscience when the chosen unconscious impose it. Therefore, or the subject is free in order to make its choices or will be destined to make them by reasons he disowned: unconscious reasons. If the mobiles and the reasons of the action of a subject are aware, or if they are unconscious, in both the subject is intentional, because, according to Freud, there isn't nothing that is in the unconscious that not result of a voluntary effort.

Keywords: unconscious, intentionality, freedom.

Todas as minhas maneiras de ser manifestam igualmente a liberdade, pois todas são maneiras de ser meu próprio nada. (SARTRE, 1997, p. 550)

A Psicanálise Freudiana

Iniciarei o artigo com algumas indagações: será que Sigmund Freud teria criado a Teoria Psicanalítica, se seu pai, Jakob Freud, não tivesse se transferido com sua família, por motivos de dificuldades financeiras, de Freiberg (Moravia), para Viena (Áustria), em 1860, quando Freud contava apenas com a idade de três anos? Se seu amigo Breuer, em 1882, não tivesse relatado a ele, Freud, o caso “Anna O”? Se Freud não tivesse recebido a bolsa e ido estudar no ano de 1885 / 1886 com Charcot na Salpêtrière, Paris, onde pode observar as manifestações da histeria e os efeitos da sugestão? Se Freud não tivesse se correspondido com seu amigo íntimo, o médico otorrinolaringologista Wilhelm Fliess, de 1887 à 1904, período que abarca o nascimento e o desenvolvimento da psicanálise e que Freud redigiu algumas de suas obras mais revolucionárias, tais como: Estudos Sobre A Histeria, A Interpretação dos Sonhos, A Etiologia da Histeria, o caso clínico de Dora, dentre outros? Se em 1892 sua paciente Elisabeth Von R. não tivesse dito a Freud: “se eu pudesse falar livremente ...”? Enfim, foram inúmeros os fatores que contribuíram para o surgimento da psicanálise, porém, gostaria de me ater a Viena e a sua respectiva atmosfera política e cultural nos anos que antecederam a ida de Freud para lá e durante os anos em que ele lá residiu, estudou, escreveu e clinicou (de 1860 à junho de 1938, quando parte para Londres a fim de fugir do nazismo).

De acordo com B. Bettelheim (1991, p. 3)

Não foi por caso que a psicanálise nasceu em Viena e ali atingiu a maturidade. No tempo de Freud, a atmosfera cultural de Viena estimulava a fascinação por doenças mentais e problemas sexuais no mundo ocidental - uma fascinação que se estendia à sociedade, e até a corte imperial que dominava a vida social vienense.

A fim de entender a forma singular que a cultura vienense assumiu em fins do século XIX e princípios do século XX, faz-se necessário relembrar que Viena era “a velha Cidade Imperial”, conforme os vienenses a chamavam com orgulho e carinhosamente. Podia-se dizer que Viena era a segunda maior cidade em termos de extensão geográfica do continente europeu, depois de Paris e, uma das cidades mais importantes no que diz respeito as esferas cultural, científica e econômica.

Apesar de toda potência que Viena de fato era e se orgulhava de espelhar ao mundo, o grande império por pouco não pereceu com as grandes Guerras Napoleônicas e com as revoluções de 1848, quando o Metternich foi forçado a abdicar e Francisco José assumiu seu reinado (1848 – 1916).

Durante todo o século XIX, Viena, a capital e sede do governo, continuou a se desenvolver em todas as esferas e durante todo esse tempo, o imperador tornava-se mais respeitável. Assim, era natural que, essa grandiosa cidade atraísse imigrantes, sejam eles das províncias vizinhas, sejam eles de distantes cidades da capital. Neste período, a grande maioria de todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a grandeza cultural e científica de Viena, ali não nasceram, como por exemplo, o criador da psicanálise Sigmund Freud, o arquiteto modernista Josef Hoffmann, os músicos Gustave Mahler e Johannes Brahms, dentre outros.

Entretanto, o ápice do desenvolvimento cultural e intelectual da grandiosa capital, coincide com a desintegração do império, ou seja, coincide com a decadência política, fato que, levou por um lado, as elites a desprezarem a realidade exterior e voltarem suas atenções e interesses para o seu mundo interior, para dentro de si, para os aspectos antes desconhecidos e ocultos. Por outro, levou a vasta maioria da população vienense, ou seja, as classes inferiores, a diversão despreocupada. Desta maneira, Viena passou a se destacar na ópera leve (Strauss, Suppé dentre outros) e na música para

dançar. A valsa vienense conquistou o mundo. Viena jamais parava de dançar. Havia desde bailes de gala da corte, reservado as classes superiores, a bailes que se destinavam apenas as classes inferiores, como também, bailes que em que ambas as classes se misturavam. Com isso, negava-se a gravidade da decadência do império. Entretanto, as catástrofes não só insistiam em sacudir o império, como denunciavam sua desintegração e a aceleravam. Mas isso parecia não ser o bastante, pois as catástrofes que aconteciam no âmago da família imperial, que era o verdadeiro centro da cidade, pareciam ser, mais desastrosas e alarmantes.

A esposa do imperador Francisco José, Elizabeth, uma princesa bávara, muito jovem e muito bela que, em sua época, foi aclamada a mulher mais bela da Europa, dedicava a maior parte de seu tempo não a sua família, ao imperador e ao seu filho Rudolf, mas sim, a longas caminhadas diárias que, em média, levavam de sete a dez horas, quando não estava viajando por todo o continente europeu sozinha. Apesar do amor, da devoção e do empenho do imperador em fazer sua bela esposa feliz e atraí-la para o coração da família, Elizabeth não demorou a afastar-se da corte, do marido, do filho e de Viena. Cabe ressaltar que, Elizabeth, por fim, em suas viagens, usava apenas luvas e um vestido, ou seja, uma única peça cobrindo o seu corpo nu, pois, Elizabeth não usava nem roupas íntimas, nem meias.

Quando o imperador escreve à sua esposa em 1871, que mais uma vez estava em mais uma de suas viagens, perguntando que presente mais gostaria de ganhar, ela responde que o que mais gostaria era um hospício inteiramente equipado. A loucura e a morte exerciam extremo fascínio sobre Elizabeth. Em 1898, Elizabeth foi assassinada, por um anarquista em Genebra.

Poucos anos mais tarde, seu único filho e herdeiro, Rudolf, casado e que não mantinha boas relações com o pai, deprimido e solitário, elaborou e executou um pacto suicida com uma de suas

amantes, em seu pavilhão de caça, no coração dos Bosques de Viena. Rudolf matou a amante e em seguida, cometeu suicídio. Neurose, sexo e morte, parecem estar páreo a páreo, lado a lado.

O pacto de morte entre amantes, não era fato raro em Viena. O sexo e a morte se faziam presentes no cenário cultural vienense durante o período de lenta destruição e extinção do longo e grandioso império.

Desta maneira, havia um interesse especial no impacto da neurose e da histeria na corte imperial e em Viena como um todo, ou seja, um interesse em desvendar e entender as desconhecidas forças interiores que agem na psique humana e com efeitos tão destruidores, que em anos posteriores, Freud irá não só descrevê-las como pulsão de morte (tanatos) e pulsão sexual (eros), bem como, elucidar a inerente relação que há entre elas.

É a partir dos estudos sobre a histeria, que Freud irá iniciar suas pesquisas de tais forças ocultas que impulsionam as ações humanas. Ou seja, a partir de suas investigações acerca dos fenômenos inconscientes. "... a equivalência convencional entre o psíquico e o consciente é totalmente inadequada". (FREUD, 1915, p. 193).

Freud, ao formalizar o conceito de inconsciente, por um lado, rompe com a psiquiatria clássica que, não só propõe, como se alicerça na dicotomia normal-patológico e, por outro, subverte o sujeito "epistemológico" proposto por Descartes, o sujeito que é, sobretudo, um sujeito do saber, da razão, sinônimo de consciência e esvaziado de emoção.

Ao romper com a psiquiatria clássica, a partir da formalização do conceito de inconsciente, irá propor as "estruturas clínicas ou subjetividades" – neurose, psicose e perversão, acabando desta maneira, com a dicotomia normal-patológico.

Já, ao subverter o sujeito proposto por Descartes, ao propor que um mesmo sujeito é sujeito da consciência e do inconsciente e, ainda, um

sujeito da razão e da emoção, Freud descentraliza a soberania do saber consciente, sinaliza os efeitos das emoções estranguladas, ao mesmo tempo que, atribui ao sujeito toda a responsabilidade pelo que ele é. Ou seja, Freud subverte o cogito cartesiano ao sustentar que o centro da atividade psíquica não está nos grilhões da consciência, mas no inconsciente. A consciência, segundo Freud, é o lugar das aparências, dos efeitos e não o âmago da vida psíquica.

Assim, ao romper com a psiquiatria clássica e subverter o cogito cartesiano, Freud produz uma nova teoria sobre o sujeito, mas o sujeito considerado pela nova teoria é do desconhecimento, do equívoco, da incerteza, posto que, o conceito revolucionário e que funda a teoria psicanalítica é o conceito de inconsciente.

Nosso direito de supor a existência de algo mental inconsciente, e de empregar tal suposição visando às finalidades do trabalho científico, tem sido vastamente contestado. A isso podemos responder que nossa suposição a respeito do inconsciente é necessária e legítima, e que dispomos de numerosas provas de sua existência.

Ela é necessária porque os dados da consciência apresentam um número muito grande de lacunas; tanto nas pessoas sadias como nas doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que só podem ser explicados pela pressuposição de outros atos, para os quais, não obstante, a consciência não oferece qualquer prova. (FREUD, 1915, p. 192).

Freud, a histérica e a construção da teoria psicanalítica:

Freud não começou como neurologista, mas como um ávido pesquisador acerca dos fenômenos histéricos e, é na esfera clínica que Freud vai se fundamentar.

A histeria, por um longo tempo, esteve entregue a interpretações religiosas (possessões demoníacas) ou era considerada como uma mera simulação.

Tanto a psiquiatria Alemã como a psiquiatria Francesa estavam interessadas em “capturar” o fenômeno histérico, em outras palavras, em apresentar uma explicação para tal fenômeno, tirando-o deste modo, das esferas religiosa e da simulação e, incluindo-o no grupo de doenças tratadas pela medicina. Assim o fizeram ao caracterizar a histeria como uma doença nervosa. Entretanto, esse grande campo que dela se apoderou, não produziu os fundamentos necessários, uma vez que, nesse campo o saber era produzido pelo médico e não pela histérica que é a possuidora do saber, apesar de apresentar uma recusa frontal a esforçar-se para acessar tal conhecimento, pois

... Bernheim postulava que as histéricas conhecem, inconscientemente, sem saber que conhecem certas causas relacionadas à sua doença. Em outras palavras, as histéricas se recusavam a reconhecer aquilo que estava oculto à sua consciência. (FARIAS, 1993, p.33).

É na lacuna existente entre o saber médico e a histeria, nas impressões que teve do caso Anna O. relatado por Breuer, sobretudo quando a referida paciente diz a ele que a cura da histeria se dá pela palavra – pela limpeza da chaminé - e, ainda, a partir dos conhecimentos obtidos com o mestre da Salpêtrière, Charcot, que Freud conclui que o sintoma fala. Se o sintoma fala, a cura se dá pela palavra de um corpo vivente e falante e não através da dissecação de um corpo morto, em absoluto silêncio, e que, quanto a existência histérica, nada tem a dizer, nada pode declarar. Deste modo, a histérica detém o saber, um saber esquecido – desconhecido – que, por um lado, marca a existência do inconsciente e, por outro, dá ao sintoma o papel de representante de uma verdade não-revelada, de uma verdade recalcada.

Aliás, se fosse possível localizar o momento originário da Psicanálise, este teria que ser pensado em termos de um movimento pendular onde, de um lado, está Freud ávido para produzir um saber e, do outro, está a histérica, por demais interessada em alguém que descortine sua subjetividade, ou seja, busca alguém que a escute e entenda o que tem a dizer. Em outras palavras, todo empenho da histérica consistiu numa espécie de apelo para que alguém, no caso Freud, desse sentido a essa forma de saber desconhecido que transparece no seu discurso. Aí está a histérica denunciando a impotência do saber médico em relação àquilo que se afigura em termos de subjetividade. (FARIAS, 1993, p. 4).

É a partir do momento que Freud descobre que a histérica detém o saber, um saber desconhecido que, Freud postula a histeria como o resultado de uma defesa, que o sujeito produz sintomas e cinde sua consciência a fim de conseguir a qualquer preço, banir do aparato consciente, determinadas representações que lhes são intoleráveis e, que por conseguinte, lhes causam mal-estar, desconforto e sofrimento. Entretanto, ao banir, ele irá contrair um novo sofrimento: o sintoma.

... pude repetidas vezes demonstrar que a divisão do conteúdo da consciência resulta de um ato voluntário do paciente; ou seja, é promovida por um esforço de vontade cujo motivo pode ser especificado. Com isso, é claro, não pretendo dizer que o paciente tencione provocar uma divisão de sua consciência. A intenção dele é outra, mas, em vez de alcançar seu objetivo, produz uma divisão da consciência. (FREUD, 1894, p. 54).

Se é a partir dos estudos sobre a histeria que Freud chega ao conceito de defesa, é a partir do conceito de defesa – esforço do sujeito para se

livrar de uma representação intolerável –, que Freud irá construir sua teoria das neuroses. Assim, o empenho e esforço do sujeito para banir da consciência uma representação intolerável, o leva a lançá-la num outro estado de consciência, no inconsciente, porém, o afeto que antes investia tal representação, irá tomar um destino: na histeria, o afeto é convertido para o corpo, portanto, expelido da esfera psíquica e, tanto na neurose obsessiva, quanto na fobia, o afeto irá se manter na esfera psíquica e, irá fazer uma “falsa conexão” – falsa ligação –, ou seja, irá se ligar a outras representações que não são intoleráveis.

De qualquer modo, na neurose, seja ela qual for, o sujeito é “regido” por essas representações intoleráveis que foram recalçadas e que se mantêm muito vivas no escuro – no inconsciente – e que assumem formas extremas de expressão: o sintoma, o estranho familiar.

Assim, o sujeito proposto pela psicanálise, é um sujeito que, a princípio é regido por um saber desconhecido, no qual os móveis e motivos de seus atos devem ser buscados no inconsciente, a fim de não só torná-los conscientes, como de atribuir a cada um, um “novo” sentido.

○ Existencialismo de J-P. Sartre

Jean-Paul Sartre, ativista político de esquerda, romancista, filósofo, teatrólogo e o maior expoente intelectual do existencialismo ateu, nasceu em Paris em 1905. Tendo ficado órfão de pai muito cedo, foi residir com sua mãe em casa de seu avô materno, próximo ao Jardim de Luxemburgo, até que sua mãe se casa novamente e a família passa a residir em La Rochelle.

Sartre, estudante da École Normale Supérieure, foi contemporâneo de escritores que, de algum modo, o influenciaram, como Maurice Merleau-Ponty, Jean Hippolyte, Lévi-Strauss e Simone Weil, filósofa social esquerdista e ativista na resistência ao nazismo e à invasão alemã. Ainda

estudante conheceu Simone de Beauvoir, com quem passou a viver e de quem nunca se separou.

Entretanto, foi em sua viagem a Berlim, durante os anos de 1933 e 1934, a fim de estudar fenomenologia que, podemos encontrar as mais determinantes influências no pensamento de Sartre, tais como: a fenomenologia do filósofo alemão Edmund Husserl, as teorias do existencialismo de Karl Jaspers e Heidegger e, sobretudo, a filosofia de Sören Kierkegaard.

Do entrecruzamento de influências esquerdista (e ativista), fenomenológica e existencial, Sartre construiu o seu próprio sistema de pensamento, a filosofia existencial atea.

Durante o primeiro período da II Grande Guerra, 1940, Sartre serviu como meteorologista do exército francês, sendo capturado e encarcerado, durante um ano, pelo exército de Hitler, num campo de concentração na Alemanha Ocidental. Durante o período que permaneceu preso, Sartre escreveu uma peça natalina que, só foi publicada 30 anos mais tarde, intitulada "Bariona, ou O Filho do Trovão". Ao ser libertado por motivos médicos, retoma suas atividades no Liceu e funda o grupo "Socialismo e Liberdade", com o propósito de atuar ativamente junto à resistência, grupo este que será dissolvido em 1945, ano que Sartre irá fundar com Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty, dentre outros intelectuais, a revista de filosofia "Os Tempos Modernos".

Em plena II Grande Guerra, 1943, Sartre publica a obra fundamental da teoria existencialista, "O Ser e o Nada", obra na qual Sartre propõe a consciência como um nada, que é a própria teoria da negatividade da consciência, sendo esta, apenas mais uma das perspectivas do sistema filosófico de Sartre.

Em 1945, após os anos de guerra, da dissolução do grupo "Socialismo e Liberdade" e fundação da revista filosófica "Os tempos Modernos", Sartre que sempre fundamentou suas idéias e suas publicações no conceito de liberdade,

conceito este que percorreu o cerne de suas obras e parecia se sustentar por si mesmo, agora, nesta nova fase, Sartre aborda a liberdade através da perspectiva da Responsabilidade Social e, da início a escritura de uma novela em quatro volumes, intitulada "Os Caminhos da Liberdade", entretanto, dos quatro volumes propostos inicialmente, publicou apenas três.

Cabe ressaltar que, apesar da dissolução do movimento "Socialismo e Liberdade", Sartre nunca deixou de exercer, tanto na esfera teórica quanto prática, sua liberdade, ou seja, nunca deixou de ser um ativista de esquerda, pois em seu jornal "Os tempos Modernos", escreveu e publicou artigos como, por exemplo, "O Fantasma de Stalin" e, ainda, continuou a participar de passeatas e proferir conferências a fim de apressar a revolução socialista. A liberdade de pensamento e de ação, cerne de todo o seu sistema de pensamento e, por conseguinte, de suas inúmeras obras, também, certamente, é o cerne e o sentido de sua própria existência.

Conceito de liberdade e a psicanálise existencial

A premissa do existencialismo ateu, que poderia ser resumido em apenas uma frase, o homem não é mais do que aquilo que ele faz de si mesmo, aponta tão somente e diretamente, para o conceito de Liberdade. O homem está fadado a ser livre.

Estou condenado a existir para sempre para-além de minha essência, para-além dos móveis e motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Significa que não se poderia encontrar outros limites à minha liberdade além da própria liberdade, ou, se preferirmos, que não somos livres para deixar de ser livres. (SARTRE, 1997, p. 543-544).

Segundo Sartre, estamos "condenados à liberdade" porque não há nenhum determinismo, porque não existe nenhum plano divino que venha

a determinar o que deve ou não acontecer, porque não à nenhum Deus. O homem está só e, portanto, sem desculpas para as suas ações. Ainda, de acordo com J-P. Sartre (1953, p. 508) “... se quisermos estudar a ação humana, o ponto de partida deve ser, necessariamente, este: todo ato humano é por princípio intencional”.

Sartre, a exemplo de todos os demais fenomenologistas, parte do caráter intencional da consciência e, aponta a relação existente entre o “ser para si”, que é a própria consciência e o “ser em si”, que são os fenômenos que, de um modo ou de outro, a fundam e a constituem, uma vez que, todo modo de consciência, necessariamente, representa e revela algo, ou seja, a consciência está sempre apontada para algo que se encontra fora dela mesma. A existência dela, da consciência, depende diretamente da existência de um dado, de um objeto que ela represente, pois sem seu objeto, a consciência é um nada. Por este motivo, ela busca o “ser em si” para inaugurar-se, para constituir-se a si mesma e o destrói, transformando-o em seu próprio nada. Isto quer dizer que, o que Sartre denomina como nada, é justo o único elemento que obriga a realidade humana a estar num incessante se fazer ao invés de ser. Em outras palavras, o poder de negar é, o princípio da liberdade de pensamento e de ação, é a própria possibilidade de escolha, que se traduz em imaginar possibilidades e realizá-las.

Segundo J-P. Sartre (1997, p. 545),

A realidade humana é livre porque não é o bastante, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio ser presente é nadificação do “reflexo-refletidor”. O homem é livre porque não é em si mesmo, mas a presença de si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e

obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser. Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe.

Se a realidade humana não recebe seus fins, mas, “... se anuncia e se define pelos fins que persegue...” (SARTRE, 1997, p. 682), em outras palavras, se ela os escolhe a cada momento, ao mesmo tempo em que, ao escolher, confere existência a seus projetos, a realidade humana é a própria liberdade de ação. Porém, cabe ressaltar que, a escolha, a ação, ou seja, o presente, não é determinado pelo passado (vivências, aprendizagens, propósitos ...). Cada momento se apresenta nos impondo a agonia de uma nova escolha, de uma temida tomada de decisão e, acompanhado da angústia de suas imprevistas conseqüências.

Desta maneira, a psicanálise existencial, segundo seu próprio fundador, J-P. Sartre (1997, p. 702), “É um método destinado a elucidar, com uma forma rigorosamente objetiva, a escolha subjetiva pela qual cada pessoa se faz pessoa, ou seja, faz-se anunciar a si mesmo aquilo que ela é”.

Da Viena de Freud à Paris de Sartre: da psicanálise da causa à psicanálise do sentido

Se Freud busca, no âmbito da clínica, as causas dos atos de um sujeito, Sartre busca, nas esferas “mundana” (no sentido de ser do mundo) e filosófica, o sentido dos atos desse mesmo sujeito.

Se por um lado, Freud é um militante no campo clínico, ávido por desvendar os processos psíquicos, por outro, Sartre é um militante no campo

da liberdade, ávido para dar um sentido a existência humana.

Toda e qualquer obra, via de regra, reflete diretamente a existência do autor e o respectivo contexto político e sócio-cultural de sua época. Assim, todo autor, nada mais é, nada mais pode ser do que um ousado ou não, interlocutor das agonias e contentamentos de uma determinada época. Sartre e Freud, são, indiscutivelmente, dois exemplos de interlocutores ousados e corajosos.

Assim, como desvincular o nascimento da teoria psicanalítica freudiana do contexto reinante em Viena na época de Freud? Ou, como não vincular a psicanálise existencial sartriana, as influências política, existencial e fenomenológica e, ainda, ao contexto parisiense na época de Sartre?

Freud e Sartre, épocas diferentes, percursos diferentes, Psicanálises diferentes, porém, partindo e regressando a uma mesma estação: o sujeito, a intencionalidade do sujeito.

Se realmente o sujeito freudiano não cabe no sujeito sartriano e vice-versa, está aí a diferença, a possibilidade do encontro, que não seja apenas, nas estações.

Bibliografia

BETTELHEIM, Bruno. *A Viena de Freud e outros Ensaios*. Trad. Lia Wylér. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

BORNHEIM, Gerd. *Sartre*. São Paulo: Perspectiva, 2000. (col. Debates).

FARIAS, Francisco Ramos de. *Histeria e Psicanálise – O Discurso Histérico e o Desejo de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter, 1993.

FOULQUIÉ, Paul. *L'Existentialisme*. Paris: P.U.F., 1955.

FREUD, Sigmund. *Esboços para a Comunicação Preliminar (1893)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. I.

_____. *Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar - Breuer e Freud (1893)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. II.

_____. *As Neuropsicoses de Defesa (1894)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. III.

_____. *A Repressão (1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIV.

_____. *O Inconsciente (1915)*. Rio de Janeiro: Imago, 1969, vol. XIV.

MANNONI, Octave. *Freud Uma Biografia Ilustrada*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e Liberdade, uma Introdução à Filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1953.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.